

Nós jogamos, eles estudam.

Na semana que passou a declaração do atacante francês Thierry Henry - de que os brasileiros ao invés de irem à escola passam o dia inteiro jogando bola - causou polêmica na mídia brasileira. Muitos viram no comentário o preconceito. Antes de tudo gostaria de esclarecer que após verificar a íntegra da entrevista não percebi qualquer intenção do jogador em desmerecer os jogadores brasileiros. Ao contrário, ainda que de forma equivocada o atacante estava tentando justificar a habilidade do jogador brasileiro em comparação aos jogadores de outros países. Aliás, ele apenas “deixou escapar”, se tanto, o que toda a Europa pensa dos jogadores brasileiros, e que, em boa medida, é uma verdade. A verdade dói! Ressalvada a hipótese de verificarmos que a maioria dos jogadores possuem escolaridade mínima - o que não verifica-se até a presente data - e que, convenhamos, é difícil de acreditar, o atacante francês está mesmo certo. Temos raras exceções como Raí, Leonardo, Sócrates, Kaká, somente para citar nomes mais recentes, os quais tiveram sólida formação escolar e cultural. No mais, infelizmente em maioria semi-alfabetizados que, reconhecamos, alcançaram fortuna pelo talento adquirido enquanto gazeavam aulas, se é que matriculados estavam.

Até mesmo aqueles que pertenciam a uma dita classe média, como é o caso de Ronaldinho Gaúcho, não frequentaram regularmente as aulas. Aliás, em muitos casos os pais destes grandes astros do mundo futebolístico tupiniquim se gabam em observar que “o menino não queria saber de estudar, só queria a bola!”. Temos, inclusive, peças publicitárias de grande alcance que enaltecem o fato de o garoto só pensar em futebol e dormir abraçado à bola, como se esta fosse primeira alternativa a se propor aos pequenos brasileiros. Para que estudar se eu posso ter dinheiro, fama e mulheres jogando bola? Na “construção” destes sonhos a imprensa, que geralmente não gosta quando um estrangeiro toca em nossas feridas sociais, contribui substancialmente, transformando os jogadores de futebol em celebridades. Entrevistas em mansões, exposições de carros importados formam o “kit celebridade”.

Muitos sonham em ser ronaldos, ronaldinhos, ou qualquer outro medalhão do esporte, mas poucos sabem que a imensa maioria destes profissionais, no Brasil, não percebe mais que três ou quatro salários-mínimos por mês, numa carreira que, além de tudo, é curta e está sujeita a uma brusca interrupção por contusões ou qualquer outro incidente que o valha.

Mesmo assim, a imprensa se vê indignada com uma declaração que retrata a mais pura verdade. O que é paradoxal, e isso parece não estar preocupando muita gente, é que àqueles a quem se referiu o atacante francês estão com seus futuros garantidos, alguns deles com contratos vitalícios de publicidade. Do outro lado da realidade estão os milhares de garotos que realmente não estudam ou, quando muito, fazem de conta que estudam indo às aulas com a cabeça voltada para uma remota fantasia alcançada por pouquíssimos profissionais de origem como a sua. Jamais, infelizmente, terão seus rostos associados a uma marca esportiva mundial ou a refrigerantes ou cervejas. Jamais veicularão peças publicitárias cantando o hino nacional da Argentina. Estes são muito poucos no grande universo do futebol.

Pelé, duplê de Mãe Dinah (lembra do recente pressentimento do rei?), numa de suas entrevistas quando fez o milésimo gol (1969), talvez tenha dito uma única frase em sua vida que mereça a nossa atenção: pensem nas crianças. Pois é, nossas crianças desde muito antes desta frase já não iam às escolas. Sendo bastante otimista, isto mudou muito

pouco em nosso país. Thierry Henry somente pode ser condenado por nós brasileiros pelo gol marcado no último sábado. Nada mais.

Rogério Zuel Gomes. Advogado em Joinville.

rogerio@gomes-rosskamp.adv.br